

**Ponto de Ruptura Civilizatória:
a Pertinência de uma Educação “Desobediente” ***

**Punto de ruptura civilizatoria:
la pertinencia de una educación “desobediente”**

***Civilizing Breaking Point:
The Appropriateness Of A “Disobedient” Education***

Walter Antonio Bazzo **

Com este artigo, objetivo apresentar um alerta para a falta de contundência da educação tecnológica e, por extensão, da educação formal como um todo, especialmente relativa às análises das relações CTS e às soluções das graves questões contemporâneas, que vêm comprometendo a sobrevivência da espécie humana e dos demais seres vivos. Estamos passando do limite da passividade e nos tornando quase que coniventes a um processo civilizatório suicida, elitista e, perigosamente, cruel. As variáveis em jogo no tabuleiro complexo das sociedades do norte e do sul do planeta, em algum momento, haverão de se constituir em objetos de trabalho docente, o que ajudará a superar os apassivados sistemas educacionais no mundo inteiro e, ao mesmo tempo, a contribuir para a formação de uma mentalidade que priorize o bem-viver e a equidade social. Considerando o desafio aqui esboçado, alguns autores contemporâneos de diferentes áreas me auxiliarão na defesa dessa ideia, cujo ponto de ruptura exige uma desobediência ao equivocado processo civilizatório vigente que, se ignorado no plano educacional, poderá ter consequências nefastas e irreversíveis à humanidade. Em síntese, a partir das reflexões acerca da equação civilizatória, busco evidenciar as variáveis e os elementos fundamentais envolvidos nessa finalidade no intuito de auxiliar projetos e ações capazes de reverter tal cenário.

73

Palavras-chave: educação desobediente, equação civilizatória, CTS, variáveis contemporâneas

* Agradecimento à professora Jilvania Lima dos Santos Bazzo. Sem a sua inestimável colaboração na revisão da escrita, no constante diálogo sobre as reflexões e argumentos aqui contidos, este trabalho não teria o mesmo resultado.

** Professor titular da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), Departamento de Engenharia Mecânica EMC/CTC. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Tecnológica (NEPET). Professor no Programa de Pós-Graduação em Educação Científica e Tecnológica (PPGECT). 88.040-900 – Florianópolis, SC, Brasil. Correo electrónico: walter.bazzo@ufsc.br.

Con el presente artículo, me propongo alertar sobre la falta de contundencia de la educación tecnológica y, por extensión, de la educación formal como un todo, especialmente relativa a los análisis de las relaciones CTS y a las soluciones de las graves cuestiones contemporáneas, que vienen comprometiendo la supervivencia de la especie humana y los demás seres vivos. Estamos superando el límite de la pasividad y volviéndonos casi condescendientes con un proceso civilizatorio suicida, elitista y peligrosamente cruel. Las variables en juego en el complejo tablero de las sociedades del Norte y del Sur del planeta en algún momento deberán constituirse en objetos de trabajo docente, lo que ayudará a superar los pasivos sistemas educativos en todo el mundo y, al mismo tiempo, contribuirá para la formación de una mentalidad que priorice el buen-vivir y la equidad social. Considerando el desafío antes esbozado, algunos autores contemporáneos de diferentes campos me ayudarán a defender esta idea, cuyo punto de ruptura exige una desobediencia frente al equivocado proceso civilizatorio vigente que, si es ignorado en el plano educativo, podrá tener consecuencias nefastas e irreversibles para la humanidad. En síntesis, a partir de las reflexiones en torno de la ecuación civilizatoria, me propongo evidenciar las variables y los elementos fundamentales involucrados en esta finalidad, con el objetivo de brindar apoyo a proyectos y acciones capaces de revertir tal escenario.

Palabras clave: educación desobediente, ecuación civilizatoria, CTS, variables contemporáneas

This paper intends to warn against the lack of forcefulness of technological education and, by extension, of formal education as a whole, especially with regards to the analysis of STS relations on the solutions to serious contemporary issues that are endangering the survival of the human race and other beings. We are going well beyond the limits of passivity and are becoming almost complacent to a suicidal civilizing process that is as elitist as it is dangerously cruel. The variables at stake in the complex game board constituted by the societies of the Northern and Southern hemispheres should become the teachers' focus of attention and work, in order to overcome the passive educational systems worldwide and, at the same time, contribute to the shaping of a mindset that prioritizes good living as well as social equality. In the light of the foregoing, some contemporary authors from different fields of expertise defend this idea, a call to disobedience in the face of the wrongful present civilizing process; should it continue being overlooked in education, it might have dreadful and irreversible consequences for humanity. In short, taking reflections on the civilizing equation as a starting point, this paper intends to bring to the foreground the variables and key elements involved to this end, with the purpose of supporting projects and actions capable of reverting this context.

Key words: disobedience education, civilizing equation, STS, contemporary variables

A catálise

À medida que nos aprofundamos em determinados temas, vamos sofrendo uma catálise que acelera muitas reflexões e impinge certas decisões mais radicais nas relações de poder na sociedade moderna. Além da larga experiência no magistério, das inúmeras participações em eventos nos mais variados espaços da educação e minha lida diária em examinar as diversas correntes do pensamento humano, o motivador maior para a revolução intelectual de minhas ideias são, indubitavelmente, os livros de autores contemporâneos vivamente preocupados com o processo civilizatório. Eles têm sido meus companheiros inseparáveis e consultores fundamentais, que me levaram a bradar, de modo categórico, certa “desobediência” da educação para ocupar lugar prioritário nos debates e análises da vida em sociedade.

Jean-Claude Guillebaud (2003) me acendeu ainda mais a vontade de ousar a pensar e a me expor a tais desafios, ao iniciar seu ensaio com uma reflexão de Georges Bataille em seu livro *A reinvenção do mundo*, onde manifesta suas limitações e desejos de estabelecer diálogo, de gerar ideias contrastantes e generosas:

“Eu gostaria de ajudar meus semelhantes a se habituarem à ideia de que a reflexão é um movimento aberto. Um movimento que nada tem a dissimular, que nada tem a temer. Mas, na verdade, os resultados do pensamento estão estranhamente sujeitos à competição e às suas provas. Ninguém consegue desligar completamente o que pensa da autoridade real que a expressão deste pensamento virá a ter. E esta autoridade se adquire no decurso de jogos, cujas regras tradicionais, um tanto arbitrarias, comprometem aquele que se expressa a fazer crer que seu pensamento é uma operação definitiva e sem falhas. É uma comédia bastante desculpável, mas ela isola o pensamento em revoadas de pássaros que nada mais tem a ver com uma caminhada real, necessariamente dolorosa e aberta, sempre em busca de ajuda e jamais de admiração” (Bataille *apud* Guillebaud, 2003, s/p).

75

Trago para mim essas breves ponderações e proponho, entre os pares na academia, esse sentimento de leveza e liberdade de pensamento. Ideias já existiram com mais contundência em alguns setores do ensino superior, onde incalculáveis pensadores traduziam as relações entre os seres na/da sociedade humana. Parece que de tempos para cá as pesquisas sobre o desenvolvimento tecnológico colocaram para escanteio aquelas produzidas sobre o desenvolvimento humano de forma articulada e inseparável. Isso é grave! Muito grave.

Atualmente, para desconsolo, quando a tradição desses pensadores deveria ser cada vez mais potencializada, os professores estão se entregando a um pragmatismo tal que, cotidianamente, vão substituindo o ser pelo ter e parecer ser. Nessa dinâmica, a produtividade e a competitividade ocupam o lugar da reflexão, do diálogo e da solidariedade. Com isso, a academia se torna um espaço de ninguém e todo mundo,

sem rosto e sem função de agente transformador. Muitas vezes, implacável. Se algo estiver em confronto com os padrões “consagrados” da direcionada liturgia da “pesquisa” dos supostos conhecimentos indispensáveis ao “progresso tecnológico”, é preciso uma atitude cautelosa para dizer – muitas vezes, o óbvio. Os professores se amedrontam em não fazer parte dos “grupos de pesquisas” que movem as instituições superiores. Por outro lado, os “pesquisadores” se acabrunham ao serem chamados de professores. Que equívoco absurdo: como se a instituição pudesse existir sem a presença de ambas as características no seu corpo docente.

O modismo das pesquisas (quantitativa, qualitativa ou qualiquantitativa), impregnado de intenções de retornos exclusivamente econômicos, expulsa do embate o estudioso das questões humanas. Cria-se o ridículo confronto de importância das áreas do conhecimento, colocando intransigentemente um fosso entre o técnico e o humano afastando cada vez mais a tão decantada interdisciplinaridade educacional.¹

Nos idos anos 1950, em um livro até hoje bastante polêmico, Snow (1995) já nos alertava sobre o abismo entre as ciências naturais e as humanidades. E de lá até os dias atuais pouco mudou na autôfaga “luta” de egos entre cientistas e intelectuais. As diversas correntes teóricas, movidas pelo desejo de provar a relevância de uma área frente à outra, desconhecem ou mesmo tornam irrelevantes participações significativas de inúmeros pensadores que contribuíram e contribuem para o aprimoramento humano e, levando junto, o tecnológico.

76

Nessas ilimitadas discussões, muitas vezes empedernidas, a busca se constitui numa só: qual é o campo de pesquisa mais importante para a sociedade contemporânea? Acoplada, inexoravelmente, a pergunta-chave em torno, digamos, dessa desnecessária rivalidade, está outra questão: o que é a pesquisa – afinal? A leitura em diferentes áreas do conhecimento, o pensamento crítico e a imersão em contextos sociais concretos não seriam os elementos indispensáveis para impulsionar as investigações daqueles que trabalham as questões contemporâneas da/na educação? Seguramente, essas leituras cobririam as mais variadas questões que subsidiariam a equação civilizatória, a qual eu me proponho ajudar a desenvolver e, quiçá, a colaborar para a sua resolução.

Certa ocasião, ao escrever um artigo para a OEI, embora menos contundente do que agora, eu já me posicionei diametralmente contrário à perspectiva educacional linear e bem-comportada.² Eu chamava a atenção para a escassez da ênfase CTS dentro das salas de aula. Na oportunidade, pontuei que, embora já existam significativas pesquisas, formação de grupos de investigação e muitas publicações

1. É interessante ler, para aprofundar o tema: BAZZO, W.A. (2015): *De técnico e de humano, questões contemporâneas*, Florianópolis, EdUFSC.

2. Publicado no site da OEI: <http://www.oei.es/divulgacioncientifica/opinion0056.htm>, intitulado: “Porém, como passar à ação? Não estamos fazendo isso?”.

-sem dúvida, fundamentais para o entendimento do problema- havia pouca efetividade dessa abordagem nos processos educacionais.³

Os problemas sociais exibidos diariamente pela mídia local/mundial – a exemplo da escassez da água, das violências, das epidemias, dos estados permanentes de guerra, entre outras questões, provocam ansiedade e, muitas vezes, desesperança nos jovens estudantes, especialmente por estes assuntos estarem tão dissociados dos herméticos projetos escolares. O real e o material não são trabalhados nas salas de aula. Quando muito, os grupos de pesquisa mantêm, apenas entre seus ciclos fechados, as análises mais pormenorizadas de suas teorias, porém, ao assumirem a condição de professores, eles desprezam essas discussões e não estabelecem qualquer relação entre os conteúdos curriculares (disciplinares) e as questões sociais que afligem a todos indistintamente.

Importa esclarecer que, se não tivermos uma base ética cujo fundamento seja o bem-viver, provavelmente, nós nos extinguiremos com as próprias mãos. Pierre Legendre fortalece esta assertiva por meio das seguintes palavras: “A humanidade está sendo acossada pela necessidade de se alicerçar para poder viver” (*apud* Guillebaud, 2003: 11). Será que a atual educação apassivada e descontextualizada está produzindo alicerces para o enfrentamento dessas questões?

Na labuta de professor, a passividade sempre me incomodou. Não sou o primeiro, muito menos serei o único – que bom alento, aliás – a me incomodar com tal comportamento. Um livro do final da década de 1960 já abordava o problema da passividade. Ele me serviu como um tônico e me fez clamar de modo incisivo pela necessária mudança ligada ao sistema de educação formal. Trata-se de “Contestação: nova forma de ensino”, escrito no ano de 1969 quando o homem recém chegava à lua. Um de seus autores, Neil Postman (1994), já havia sido responsável por uma reordenação na minha epistemologia de professor de engenharia com outro livro marcante na compreensão da indispensável formação crítica para o desenvolvimento humano. Postman e Weingartner (1971) foram precisos ao detectar o problema da falta de reflexão na escola dos Estados Unidos na década de 1960. Vejamos:

“Muitos desses problemas estão relacionados com a revolução nas comunicações (ou, pelo menos, são por ela seriamente afetados), a qual, tendo-nos apanhados desprevenidos, inflamou o problema dos direitos civis, desencadeou o problema da ‘escuta eletrônica’ e tornou evidente o problema do sexo, para não falarmos dos problemas dos tóxicos. Depois, temos os problemas resultantes da explosão demográfica, que inclui o problema do controle da natalidade, o problema do aborto, o problema da habitação, o problema do estacionamento e o problema do abastecimento alimentar e do fornecimento de água” (Postman e Weingartner, 1971: 14).

3. Para aprofundamento acerca dessas discussões, consultar: BAZZO, W. A., PEREIRA, L. T. V. e BAZZO, J. L. S. (2014): *Conversando sobre Educação Tecnológica*, Florianópolis, EdUFSC.

É possível afirmar, a partir desse trecho, que a equação civilizatória já foi detectada há muito tempo, mas a educação ainda não se preocupa em resolvê-la nem ao menos analisá-la. E, cada vez mais acentuada na variação de seus componentes, a dinamicidade dessa equação se faz mais evidente e ainda mais aterradoramente no século XXI: a mobilidade humana, a imigração degradante em busca das benesses da civilização ao sul da Europa, a inexorabilidade da escassez de energia, o agravamento da questão hídrica, o desmatamento florestal, a produção de lixo eletrônico, o excesso de consumo são apenas algumas novas variáveis – que vêm “recheiar” a complexa equação civilizatória, que todos nós, indistintamente, temos que procurar resolvê-la.⁴

Dentre os conceitos que me alertavam sobre a urgente alteração de rota no processo de formação humana, extraídos de livros e resultantes de observações na vida concreta, alguns balançavam minhas convicções numa gangorra que maturava cada vez mais a convicção de atribuir maior responsabilidade àqueles que trabalham com a educação formal, da educação infantil ao ensino superior, incluindo as indispensáveis pesquisas.⁵ Haverá, portanto, de se efetivar um projeto entre as instituições de educação básica e ensino superior em que se questione sobre o quê, para quê e em favor de quem ou do quê se pesquisa. Urge, portanto, uma reinvenção em rede colaborativa entre os profissionais da educação não somente dos modi operandi, mas, sobretudo, dos assuntos a serem versados. Nesse sentido, Guillebaud (2003) novamente é decisivo ao propor uma “reinvenção”:

78

“Nós, cidadãos modernos, passamos a ter horror às interrogações muito diretas. No caso de questões essenciais, preferimos ater-nos aos debates sobre as maneiras de proceder, por mais bizantinos que sejam; privilegiamos instintivamente as questões de método mais do que as urgências de fundo. Para estas, na melhor das hipóteses, fazemos como se as coisas fossem evidentes por si mesmas ou, o que é ainda pior, pudessem sempre ser deixadas para depois. Em outros termos, existem uma desenvoltura de bôtom e uma negação ontológica que pesam sobre cada um de nós como uma injunção. Já não nos arriscamos muito, nos tempos que correm, a abordar de frente o que atinja o essencial. Por pouco não estamos fazendo disto uma questão de educação” (Guillebaud, 2003: 12).

A “questão de educação”, mencionada por Guillebaud ao criticar a ausência de pensamento reflexivo, aponta para outro direcionamento e coloca em cheque as

4. Um estudo sobre o significado de algumas dessas variáveis se encontra no livro: CASTI, J. (2012): *O colapso de tudo – os eventos extremos que podem destruir a civilização a qualquer momento*, Rio de Janeiro, Intrínseca.

5. Muitas indicações de livros podem ser encontradas na página do NEPET – www.nepet.ufsc.br – com comentários sobre suas temáticas. Seria interessante a leitura de algumas dessas literaturas, porque a maioria das reflexões lá presentes, ainda que indiretamente, conduziu as ideias ora desenvolvidas neste artigo.

perspectivas teóricas e metodológicas para a produção do conhecimento. De fato, o autor tem razão ao afirmar: “preferimos ater-nos aos debates sobre as maneiras de proceder, [e] já não nos arriscamos muito, nos tempos que correm, a abordar de frente o que atinja o essencial”. E, ao trazer a sua questão de reinvenção ou refundação poderíamos dizer, ele reforça com muita precisão a necessidade do debate frente aos pensamentos totalitários, às verdades pautadas pelas opiniões, pelo viés econômico ou pelo tecnológico e à ditadura da judicialização das relações humanas:⁶

“É a esta prudência que eu gostaria [e eu também] – temerariamente, mas sabendo o risco que corro – de contrapor-me. É pelas questões de fundo que eu gostaria de me interessar e sem deter-me em desvios. Mas para dizer o quê? No que hoje nos repetem em todos os tons, no que nasce do discurso cotidiano ou que se adivinha por trás do que o economista Jean-Paul Fitoussi chama de “a ideologia do mundo”, alguma coisa soa dramaticamente falso. Em suas celebrações e performances quantificadas, em suas concessões ao relativismo, em sua fetichização do indivíduo desligado de quaisquer agrupamentos ou associações, soa algo indefinível que nos alarma como um repicar de sinos. Será que é realmente assim que o futuro se anuncia? *Será que temos que nos resignar ao fim dos pensamentos totalizadores, ao reinado versátil da “democracia de opinião”, às forças de mercado total ou da tecnociência, à rigidez do direito substituindo as crenças coletivas, ao desaparecimento definitivo das utopiase da esperança?*” Por trás desse bricabraque apresentamos novas formas de dominação, desigualdades que se aprofundam, um princípio de humanidade que naufraga. Mas, desta vez, tais ameaças nos encontram desarmados. Não sabemos mais como enfrentá-las. Temos dificuldades até em analisá-las. O sol se esconde. Poucas vezes nos pareceu tão urgente reencontrar alguma terra firme. Refundação, portanto” (Guillebaud, 2013: 12 – grifo meu).

79

6. A equação civilizatória tem a pretensão de servir como uma ferramenta tal qual um algoritmo matemático, que permite, sempre que necessário, alocar novas variáveis que surgem neste mundo convulsionado, exatamente em busca dessa refundação tão bem explicitada por Guillebaud. Refundação de contextos que incorporam, quase que diariamente, novas variáveis, as quais os jovens estudantes precisam aprender a equacioná-las para ajudar a aprimorar as relações sociais, o que favorecerá a efetivação dos princípios de equidade no processo civilizatório em curso.

7. Em um dos vídeos com bastante repercussão na Internet, Galeano, jornalista e escritor uruguaio, relata uma breve história sobre questionamentos de alguns jovens a seu amigo Fernando Birri, cineasta argentino. Ao ser questionado: “Para que serve a utopia?”, Galeano conta que, apesar de ter sentido compaixão pelo amigo devido à complexidade da pergunta, ficou maravilhado com sua resposta sobre a utilidade desse sentimento de lugar ou estado ideal. “A utopia está no horizonte e sei que nunca a alcançarei. Se caminho dez passos, ela se afastará dez passos. Quanto mais eu buscá-la, menos eu a encontrarei, porque ela vai se afastando à medida que me aproximo. Portanto, a utopia serve para nos fazer caminhar” (disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=Z3A9NybYZj8>). Não há dúvida, caminhar é fundamental para seguirmos a procura de um processo civilizatório verdadeiramente voltado aos seres humanos, de maneira indistinta; que zele pela natureza e suas riquezas ambientais e, pela definição de suas prioridades, as máquinas e seus proprietários precisarão ser avaliados sob o julgo dessa “refundação”.

Diante desse apelo para refundação do sentimento de pertença e coletividade, da utopia e da esperança nas relações sociais, isto é, nos processos de formação humana, mantenho-me firme no propósito de elucidar a grandeza da profissão professor em qualquer área ou nível do conhecimento humano. Apesar das diversidades e do “sol se esconder”, ele é quem ensina os conhecimentos já produzidos e tem a capacidade de criar as condições de aprendizagem para a invenção revolucionária, cujos resultados são decorrentes dos estudos e experimentos realizados pelos (e/ou com) seus alunos.

Refundação e a equação civilizatória

Publiquei, recentemente, na página do NEPET que a educação deveria ser mais malcomportada.⁸ “Solução” ou metáfora – o que seja – cada vez mais se evidencia sua indispensável concretização por meio das relações sociais e, sobretudo, no interior das instituições de ensino. Neste momento, ao escrever este artigo, depois de muitos outros com um pouco mais de resignação relativa ao processo clássico da educação bancária, como salientava Paulo Freire, penso que a contundência se constitui em ferramenta eficiente para chamar a atenção sobre a premência do assunto, em especial junto aos estudantes. De certo modo, desde a sua fundação, o NEPET vem “gestando” a proposta por uma educação menos comportada por meio de inúmeras discussões, produção e difusão das pesquisas realizadas. Os estudos coletivos de vários autores contemporâneos têm se instituído em campo fértil de transformação de práticas docentes, sobretudo porque estão nos levando a aportar em um feixe conceitual que, provisoriamente, tem sido tratado, pelo Núcleo, por uma nova equação civilizatória.

80

Registro que, ao nomeá-lo e propagá-lo amplamente, há sempre o risco de transformação do conceito em clichê a ser mais um inserido ao já tão decantado recinto das palavras mágicas, que apresentam promessas de soluções para a educação tecnológica, notadamente aquelas do sistema educacional brasileiro e de outras áreas. A ideia é utilizar este “recurso” dinâmico que nos permite, ao auscultar o processo civilizatório, introduzir variáveis que cotidianamente passam a fazer parte da cada vez mais complexa vida humana.

Meus estudos e pesquisas nos últimos anos vêm apontando a insuficiência da ideia CTS para compreender e resolver as questões sociais derivadas das relações indissociáveis entre a ciência, a tecnologia e a sociedade, isto é, dos efeitos da complexa interação dos ecossistemas. Importante destacar que, por volta de 1970, o movimento CTS se traduzia em forte crítica ao modelo de desenvolvimento científico e tecnológico vigente por não ser condizente aos interesses do bem-viver de todas as pessoas pertencentes a diferentes classes sociais, nacionalidades, etnias, idades

8. Disponível em: www.nepet.ufsc.br, seção “Mensagens do Coordenador anteriores” – do mês de novembro de 2015.

etárias e culturas. Época em que foram calcados exatamente o pensamento crítico e o debate em torno desse modelo cuja função primordial era atender aos interesses de uma minoria econômica e politicamente dominante.

As variáveis aumentaram drasticamente e a ideia de CTS, de maneira progressiva e acentuada, vem se distanciando das possíveis resoluções da equação anteriormente desvelada: conflito de interesses e concentração de bens de produção e consumo por uma ínfima minoria da população mundial. Provavelmente, por essa razão, vários grupos de pesquisa começaram a introduzir mais elementos à sigla CTS: CTS+I, CTS+A, CTS+X, Y ou Z. Para mim, a acomodação desses elementos só revela a necessidade de alteração de rota, tendo em vista que as variáveis são extremamente complexas e de natureza diversa, o que dificulta a resolução apenas por meio da relação entre ciência, tecnologia e sociedade. Com o aparecimento frequente dessas variáveis no processo civilizatório, qual será a ordem das prioridades nessa relação? Para gerir qualquer esfera da vida em sociedade, faz-se necessário primeiramente refletir sobre o desenvolvimento humano e, depois, o científico e o tecnológico? No âmbito educacional, o que e como fazer para disponibilizar uma formação profissional ética, que seja capaz de favorecer o desenvolvimento do pensamento crítico, da criatividade, da intuição e dos sentimentos de pertença e identidade? Finalmente, as instituições dos diferentes níveis de ensino podem contribuir para solucionar os problemas já mencionados anteriormente? Eis a lógica da utilização dessa equação sempre aberta a mutações de acordo com o tempo e o contexto em que estamos vivendo.

Percebo que vem ganhando força, com bastante ebulição, uma abordagem que, encharcada pela contundência das percepções dos pioneiros nessa discussão, visa na área de educação tecnológica a efetividade de um verdadeiro projeto societário mundial. Em recente participação em um simpósio internacional, na cidade de Aveiro, juntamente com Carlos Osório (Colômbia) e Ana Cuevas (Espanha), coordenado por Juan Carlos Toscano (Espanha), ao tratarmos sobre o papel da engenharia nesse contexto, ressaltai em minha fala os efeitos de um modelo de desenvolvimento pautado na operação custo-benefício e a necessidade dos profissionais da área tecnológica e da educação compreenderem os limiares do ponto de ruptura civilizatória em curso.⁹

O urgente desmonte desse modelo se baseia, sobretudo, pelos resultados de minhas observações em torno dos atuais fatos históricos, consequentes das ações cotidianas de uma sociedade já quase sem perspectivas esperançosas. Embora movidas pelos promissores debates, as minhas “pessimistas” análises sobre o

9. V Seminário Ibero-americano CTS (V SIACTS) e IX Seminário CTS “Novos Desafios Societais no Ensino das Ciências e Tecnologia” – Universidade de Aveiro, Portugal, julho de 2016. Disponível em: http://aia-cts.web.ua.pt/wp-content/uploads/2016/07/VSIACTS-Programa_completo-2016.pdf. Uma síntese das ideias desenvolvidas no Simpósio I “Uma nova equação civilizatória: a necessidade do entendimento CTS na Educação em Engenharia” encontra-se publicado no *Boletim da AIA – CTS/ Boletim de la AIA – CTS, Educação para mais responsabilidade social*, Março 2016, nº 03. Disponível em: http://aia-cts.web.ua.pt/wp-content/uploads/2015/03/AIA-CTS_Boletim_03.pdf.

processo civilizatório dos dois últimos anos, infelizmente, registram ocorrências deploráveis, que colocam em suspeição a sensatez das pessoas cujos valores culturais as originam de modo indiscriminado: atentados estapafúrdios na França, na Bélgica, na Turquia e em outros países; desastres técnico-ecológicos que aguçaram o medo à extinção na biosfera, a exemplo da tragédia ocorrida em novembro de 2015 no município de Mariana, em Minas Gerais (Brasil), após rompimento da barragem da Samarco – mineradora controlada pela Vale e pela BHP Billiton – e que dizimou praticamente uma região de centenas de hectares, deixando a população local exposta a toda e qualquer desgraça; processos migratórios horripilantes, no mundo inteiro, sobretudo na Europa, onde milhares de pessoas lutam desesperadamente pela sobrevivência e pelo seu direito inalienável à vida, à liberdade e à segurança pessoal.^{10 11 12 13}

Nesse cenário, as guerras, a fome, a seca, as inundações e outras inúmeras mazelas estão sendo a tônica de uma civilização que se orgulha das conquistas tecnológicas encantadoras, ainda que seja negado o direito de usufruto de suas benesses a uma gigantesca parte da população mundial. Por mais esforços que possamos depreender para interpretar esses acontecimentos como logicamente contingentes, impossível evitar a indignação e ignorar as dúvidas sobre a qualidade de ser civilizado e os rumos da abordagem CTS. É possível que alguns argumentem em favor da naturalização desses fatos e tracem uma trajetória histórica e cultural dos seres humanos para comprovar sua tese. Outros haverão de pensar que não é responsabilidade da educação ou que formar sujeitos críticos, generosos e benfazejos é uma tarefa inglória e, às vezes, impossível.

82

Não sou ingênuo a ponto de não reconhecer as inúmeras implicações de outras variáveis nesse emaranhado processo. As culturas instituídas e, constantemente, potencializadas pelo poder de mando e de controle das mentes e dos corpos dóceis aliadas de maneira indissociável à política, à economia, à mídia, ao território e à língua oficial dominante, entre tantos outros elementos, são fortíssimos coadjuvantes nessa empreitada de educar integralmente os jovens estudantes. Entretanto, quem são os agentes de transformação social capazes de reunir as partes universalmente interligadas e condicionantes dos modos de ser, de se relacionar, de produzir e de consumir dos seres humanos com vistas ao rompimento de ciclos viciosos? Serão os professores, os cientistas, os artistas, os religiosos, os juristas ou os filósofos? Existem áreas mais responsáveis que outras por essa hecatombe que se avizinha?

10. Disponível em: http://brasil.elpais.com/tag/atentados_terroristas/a.

11. Disponível em: <http://www.ebc.com.br/noticias/meio-ambiente/2015/11/conheca-os-principais-desastres-ambientais-ocorridos-no-brasil>.

12. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ladem/2016/03/15/refugiados-climaticos-nao-tem-onde-buscar-asilo-3/>.

13. *Declaração Universal dos Direitos Humanos*. Disponível em: <http://www.dudh.org.br/wp-content/uploads/2014/12/dudh.pdf>.

De qualquer modo, é premente que saibamos as respostas: quem serão os educadores agentes desse processo? E, por que educar os educadores?¹⁴

Indubitavelmente, não caberá a um único profissional especializado o papel de implementar a refundação ora proposta. No entanto, independentemente da salutar abordagem a ser adotada, reitero que a equação a ser resolvida, visando à resolução dos problemas humanos, necessita de um projeto coletivo em que a educação seja celeiro e promotora de ações que levem em conta todas as variáveis implicadas.

Um ícone na busca desses propósitos

Sou um leitor assíduo das obras de Eduardo Galeano – infelizmente, falecido em 2015.¹⁵ Seus escritos sempre me conduziram a refletir sobre quais seriam as credenciais para ser um professor, educador no sentido pleno do termo. Não me refiro à área específica alguma, apenas reforço a sintonia de visão de mundo, de sociedade e de sujeito partilhada entre nós e a aspiração de uma atuação docente sempre em sintonia com as questões humanas.

Um dos textos do Galeano, “El Derecho al delirio”, me provoca a pensar sobre as soluções das mazelas descritas anteriormente e instaura uma reflexão incontrolável sobre o essencial para o bem-viver. Com ele, percebo o sentido profundo do imperativo: menos treinamento, mais discernimento na formação humana. Em linhas gerais, sua fala revela um delineamento poético de uma educação reflexiva, emancipadora e em consonância com a vida. Entre muitas proferidas ao longo de seu trabalho, as palavras projetam a imagem utópica de uma civilização possível:

83

“Mesmo que não possamos adivinhar o tempo que virá, temos ao menos o direito de imaginar o que queremos que seja. As Nações Unidas têm proclamado extensas listas de Direitos Humanos, mas a imensa maioria da humanidade não tem mais que os direitos de: ver, ouvir, calar. Que tal começarmos a exercer o jamais proclamado direito de sonhar? Que tal se delirarmos por um momentinho? Ao fim do milênio vamos fixar os olhos mais para lá da infância para adivinhar outro mundo possível. O ar vai estar limpo de todo o veneno que não venha dos medos humanos e das

14. Tenho consciência que precisamos responder, pelo menos parcialmente, ao que propunha Karl Marx: “Quem educará os educadores?”. Sei que a ingenuidade não pode ser minha parceira. Multiplicar os educadores com esta visão mais expandida para a questão humana ou ajudá-los a “marchar no passo certo” seria muita pretensão. Mas, sinto-me na obrigação de alertar aos professores sobre a grandeza de sua profissão e destacar sua responsabilidade nos caminhos possíveis para o desenvolvimento humano e tecnológico.

15. Destaco Galeano por sua presença vigorosa e pelas questões diretoras de minha epistemologia. Uma delas, a central, é a sua permanente exigência dos livros para o aprendizado. Acrescento que, devido à sucessão de orientações, aos debates constantes, às influências de leituras e diálogos, estão também centenas de autores contemporâneos que me inspiram a defender as ideias centrais deste trabalho. As leituras criam em mim uma potente ferramenta para podermos, por meio de uma educação mais libertadora, criar um ambiente favorável para sonhar um sonho possível, nomeado pelo autor de “direito ao delírio”.

paixões humanas. As pessoas não serão dirigidas pelo automóvel, nem serão programadas pelo computador, nem serão compradas pelo supermercado, nem serão assistidas pela televisão. A televisão deixará de ser o membro mais importante da família. As pessoas trabalharão para viver em lugar de viver para trabalhar. Se incorporará aos Códigos Penais o delito de estupidez que cometem os que vivem por ter ou ganhar ao invés de viver por viver somente, como canta o pássaro sem saber que canta e como brinca a criança sem saber que brinca. Em nenhum país serão presos os rapazes que se neguem a cumprir serviço militar, mas sim os que queiram cumprir. Os economistas não chamarão de nível de vida o nível de consumo, nem chamarão qualidade de vida à quantidade de coisas. Os cozinheiros não pensarão que as lagostas gostam de ser fervidas vivas. Os historiadores não acreditarão que os países adoram ser invadidos. O mundo já não estará em guerra contra os pobres, mas sim contra a pobreza. E a indústria militar não terá outro remédio senão declarar-se quebrada. A comida não será uma mercadoria nem a comunicação um negócio, porque a comida e a comunicação são direitos humanos. Ninguém morrerá de fome, porque ninguém morrerá de indigestão. As crianças de rua não serão tratadas como se fossem lixo, porque não haverá crianças de rua. As crianças ricas não serão tratadas como se fossem dinheiro, porque não haverá crianças ricas. A educação não será um privilégio de quem possa pagá-la e a polícia não será a maldição de quem não possa comprá-la. A justiça e a liberdade, irmãs siamesas, condenadas a viver separadas, voltarão a juntar-se, voltarão a juntar-se bem de perto, costas com costas. Na Argentina, as loucas da Praça de Maio serão um exemplo de saúde mental, porque elas se negaram a esquecer nos tempos de amnésia obrigatória. A perfeição seguirá sendo o privilégio tedioso dos deuses, mas neste mundo, neste mundo avacalhado e maldito, cada noite será vivida como se fosse a última e cada dia como se fosse o primeiro”.¹⁶

84

A partir desse contraste e tensão entre um processo civilizatório atroz e determinado pelo poder hegemônico e outro a ser concretizado por cada um de nós, coletivamente, podemos extrair muitas lições. Por estarem atreladas ao modelo de “progresso”, as ocorrências levantadas por Galeano da vida prática (exemplo: “As pessoas não serão dirigidas pelo automóvel, nem serão programadas pelo computador, nem serão compradas pelo supermercado, nem serão assistidas pela televisão” etc.) se configuram em manifestações um tanto paradoxais. Essas contradições produzidas pela sociedade tecnológica resultam e alimentam as (inumeráveis) variáveis que alteram a nova e dinâmica equação civilizatória: poluição do ar; produção excessiva de lixo – a notar com mais intensidade o lixo eletrônico cada vez com mais dificuldade de descarte –; contaminação das águas; mobilidade humana e problemas migratórios – ver o brutal problema na Europa que está, inclusive, produzindo rupturas internas na comunidade europeia por tentar resolver o

16. *Apud*: <http://www.recantodasletras.com.br/prosapoetica/3640441>.

problema pelo lado policialesco –; a questão do abastecimento hídrico; a questão energética, as pandemias cada vez mais ameaçadoras, as crianças de rua, entre outras variáveis que mudam ou surgem a cada dia.

Postman e Weingartner (1971) afirmavam que não devíamos ser tão ingênuos e fantasiosos ao ponto de acreditar que todos os problemas sociais são susceptíveis de solução, quer seja através da educação ou de qualquer outra via. Mas, segundo eles, alguns podem ser solucionados e, mais diretamente, por meio de processos educacionais. Faço meus os seus apontamentos. Quando discuto sobre as inúmeras variáveis componentes da equação civilizatória, pretendo tão somente mostrar o grau de complexidade e de responsabilidade a ser partilhado por aqueles que atuam na formação humana, especialmente no ensino superior.

Quando discorremos sobre a responsabilidade da escola – e por extensão dos cursos para a formação continuada de professores – alguns de meus pares retiram ou relativizam sua responsabilidade. No entanto, ela ainda continua sendo a possibilidade mais latente para uma reversão no ponto de inflexão civilizatório. Uma forte observação de Postman e Weingartner (1971) materializa esta afirmativa:

“A escola, afinal de contas, é a única instituição em nossa sociedade que é imposta a todos e o que acontece na escola tem uma grande influência – para bem ou para mal. Usamos a palavra “imposição” por acreditarmos que o modo como as escolas são atualmente orientadas faz muito pouco – e muito provavelmente nada – para promover as nossas chances de sobrevivência mútua, isto é, para ajudar-nos a solucionar qualquer, ou mesmo alguns, dos problemas que mencionamos.¹⁷ Um modo de representar a situação atual do nosso sistema educacional é o seguinte: é como se conduzíssemos um carro esporte de muitos milhões de dólares, gritando: “Mais depressa! Mais depressa!, sem deixarmos de tirar os olhos do retrovisor. É um modo bastante impróprio de dizer onde estamos, muito menos para onde estamos indo e, só por muita sorte, não nos espatifamos – até agora. Dedicamos uma atenção quase exclusiva ao carro, equipando-o com toda a espécie de acessórios sofisticados, preparando o motor para alcançar velocidades cada vez maiores, que parece termos esquecido aonde queríamos ir nele. Obviamente, somos candidatos a levar um safanão dos diabos. A questão não é se, mas quando” (Postman e Weingartner, 1971: 15-16).

85

Tanto em épocas anteriores quanto agora, a mudança constante, acelerada e ubíqua, é a característica mais impressionante do mundo. E os intervalos de tempo cada vez mais diminutos. No entanto, o atual sistema educacional -incluindo os professores- ainda segue inerte em suas mudanças embalado pela ideia, errônea, de que sua

17. Os problemas aos quais eles se referem podem ser comparáveis, no nosso caso e no nosso tempo, às variáveis componentes da nossa equação civilizatória contextualizada.

obrigação é apenas suprir o sistema de mão de obra qualificada. Outras questões para além do conteúdo prescritivo, para muitos burocratas da educação, fogem à alçada da escola.

Ratifico que as aptidões e as atitudes requeridas para, adequadamente, lidar com as rápidas e, muitas vezes, inesperadas mudanças na vida contemporânea são altamente prioritárias. Haveremos de reunir esforços para o desenvolvimento de argúcias, capacidades e intenções qualificadas com vistas a criar um clima escolar que possa ajudar a juventude a compreender, construir e dominar conceitos e valores necessários à sobrevivência integral, à harmonia e à felicidade. A qualidade do trabalho com as variáveis da nova equação civilizatória, sem dúvida, depende dos valores, da ideologia, da epistemologia, das prioridades estabelecidas pelo conjunto de pessoas envolvidas, notadamente do quão são capazes de exercer o direito ao delírio.

O que subjaz à educação nas prioridades humanas

Ainda persistem muitos equívocos no que diz respeito às prioridades estabelecidas para educação por inúmeros setores da sociedade. Os sistemas políticos governamentais, obviamente depois de eleitos, tratam sempre as questões de ordem administrativas e financeiras com primazia absoluta. O crivo passa a ser o meramente econômico. Esta prioridade, no entanto, não é capaz de atender às questões de ordem social e humana. Assumir com contundência a educação e o desenvolvimento humano em qualquer política governamental se coloca como uma máxima inegociável sob a pena de aprofundarmos ainda mais o fosso entre a lógica de um desenvolvimento consumista contumaz apenas e aquela possível de ser concretizada pela refundação de ideias e ações efetivas.

86

O que subjaz à educação e ao desenvolvimento tecnológico no âmbito das prioridades administrativas no Brasil e, por extensão, nos outros países em desenvolvimento deve fazer parte das investigações de grande parcela de grupos de pesquisa espalhada pelas inúmeras universidades, prevalentemente públicas. Provavelmente, os investigadores continuam sendo embalados pela “fascinante” perspectiva de novos produtos e processos, que venham a acelerar o já tão acelerado mercado consumista repleto de aparatos sofisticados – ao alcance de uma minoria soberba e já abarrotada de bugigangas supérfluas.

A principal iniciativa dos setores dominantes na educação é uma coalizão de grupos econômicos que, organizados pelo setor financeiro, pelo agronegócio, exploração mineral e/ou meios de comunicação, defendem um projeto de educação de classe, obviamente interpretando os anseios desses setores para o conjunto da sociedade. Tal fato foi especialmente notado no Brasil – talvez um dos mais importantes países em desenvolvimento no mundo contemporâneo –, por meio de um projeto embrionário chamado “Todos pela Educação”. Bela roupagem para que, novamente, a questão da formação profissional direcionada para a perpetuação do poder hegemônico fosse absorvida pela coletividade acuada pelo desemprego e amedrontada pelo terror midiático. Hoje, ainda mais grave, está em tramitação para

ser aprovado pelo poder legislativo federal um projeto estapafúrdio intitulado “Escola sem Partido”, que busca “castrar” qualquer possibilidade de uma escola crítica, reflexiva e emancipatória.

Em outras palavras, os setores conservadores e afeitos a propostas de segregação (de classes sociais, de idade etária, de gênero e de etnias) se organizam cada vez mais para definirem os princípios e os valores da formação humana das crianças, dos jovens e dos adultos. Pior de tudo, pelos discursos subliminares e intencionalmente programados para massificar pseudoverdades, mascaram a sua constituição de ser notadamente uma política de classe. Neste “jogo” bem arquitetado, eles atuam como classe que tem objetivos claros, projeto definido milimetricamente e concepções absolutas de formação. Suas intenções dissimuladas vão desde converter a geração emergente – ou parte dela que ainda pode frequentar as instituições escolares – em um grande capital humano consumista e “alienado” até bloquear as possibilidades de investimento destinado à classe popular, o que poderia gerar conflitos ainda mais acentuados e provocar a perda expressiva de seus privilégios. E nós, educadores, seguimos com a bem-comportada educação a avaliar o rumo que levará ao que chamo aqui de ponto de ruptura do processo civilizatório.

No bojo dessas propostas para a educação, o que subjaz? Em última instância, o poder hegemônico está preocupado em como fazer com que a juventude seja educada na perspectiva de ser um fator da produção e do consumo. Essa é a racionalidade geral e tem várias mediações pedagógicas. Quase sempre continuísta e adestradora. Aparentemente, estão preocupados com a alfabetização, com a escolarização, com o aprendizado, com a qualidade do ensino. De fato estão absorvidos por estas questões, mas para atender aos seus propósitos.

87

Dentro da matriz classista, o sentido de “educar” a juventude está submetido ao que seria o “novo espírito” do capitalismo. De modos que os jovens pobres, de um lado, não vislumbrem outra maneira de vida que não aquela em que eles serão (mas, não sabem) mercadorias, força de trabalho e atores passivos, e, de outro, os jovens ricos que serão (não só sabem como fazem questão de propagar) líderes, gestores e exploradores do capital humano, simbólico e material.

Portanto, este modelo de desenvolvimento humano precisa ser refutado e, de imediato, uma refundação necessita emergir do coletivo, conforme já discutido amplamente nos tópicos anteriores, inclusive para a segurança daqueles que, a serviço desses setores conservadores, acreditam na infinitude da matéria prima, do meio ambiente e do planeta Terra e, sobretudo, do poder de resolução da tecnologia pela tecnologia.

Como sociedade civil, os setores dominantes estão sempre interferindo nas políticas de Estado, inclusive ferindo os princípios democráticos das decisões da maioria. Articulam por meio de leis, mas também através da adesão de autoridades que podem intervir nos planejamentos educacionais para eternizarem seus mandatos políticos. Usurpam da educação as possibilidades para formar a geração presente-futura. Usam-na como mercadoria de troca para seus interesses políticos espúrios. Essa decomposição amoral, característica da maior parcela dos ricos, subjaz a uma

educação responsável pela emancipação dos cidadãos do país.¹⁸ De forma contundente, precisamos reverter tal situação deplorável, impedindo a viabilidade de uma agenda educacional equivocada que, ao estabelecer interação entre as frações burguesas, as jurídicas, as midiáticas, as políticas e os meios operativos do Estado, este complexo poder hegemônico, muito sofisticado, segue colocando a todos nós, incluindo seus representantes, em risco permanente de vida.

Ao debater sobre as questões de cunho político/dominante, todos aqueles que veem na educação a grande possibilidade de reversão, neste ponto de inflexão civilizatória, precisam começar a montar e, em certas situações, desmontar uma nova equação que possa sempre manter contextualizada a educação crítica, reflexiva e libertadora. Para isso, é fundamental fazer um retrospecto sobre um movimento que foi basilar nas propostas de mudanças e reflexões sobre o processo civilizatório contemporâneo. Refiro-me a CTS. Nesta transição conceitual – e ainda por uma questão de difusão do termo e de sua intensa utilidade para fundamentar os estudos sobre a ciência e a tecnologia – podemos, em várias situações, seguir utilizando CTS como a base diretora de possíveis alterações nos programas educacionais. Uma abordagem que ultrapassa o caráter eminentemente programático do processo produtivo, a partir da revolução industrial.

Sabemos que para qualquer alteração significativa nos resultados que definirão o comportamento e a sobrevivência das gerações presentes-futuras, precisamos conhecer o que subjaz à educação no âmago dos interesses da classe dominante, e de que maneira podemos seguir construindo uma nova e mutante equação civilizatória. Eis o antídoto para a educação adestradora, que segue sendo a prioridade do poder hegemônico: uma educação “desobediente” e menos comportada.

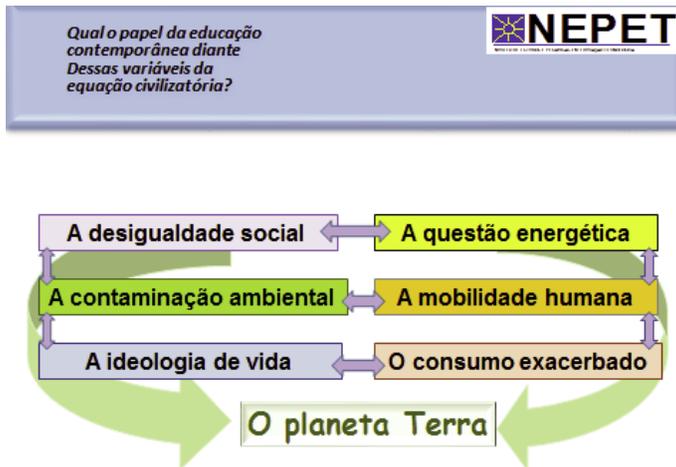
88

Expandindo as reflexões: ou à guisa de conclusões

O planeta Terra passa por problemas de toda ordem. As polêmicas se multiplicam e requerem reflexões e bom senso. Por isso é difícil colocar um ponto final em qualquer escrito sobre este labirinto tão complexo. A figura abaixo, de forma sucinta, registra algumas questões fulcrais que são recorrentes nesta nova equação civilizatória, e que fazem parte das preocupações cotidianas do NEPET. As análises seguem, os estudos se aprofundam e as variáveis se diversificam. Minha intenção, como já salientado no resumo deste artigo, é demonstrar a premência de trabalharmos numa perspectiva crítica, menos obediente e menos conservadora, sendo o enfrentamento dessas questões inadiável na educação. Considero que as contribuições de todos esses pensadores serviram e servem de catalisador para acelerar este processo ora em andamento.

18. Recomendo a leitura de uma obra interessantíssima sobre a atuação das pessoas ricas no mundo: KEMPF, H. (2010): *Como os ricos destroem o planeta*, São Paulo, Editora Globo.

Figura 1. O planeta Terra



Desde que CTS surgiu como possibilidade viva de estancar a avalanche de otimismo das benesses do modelo consumista, é preciso reconhecer que mesmo os mais céticos agora já passam tenuemente a constatar que a educação contemporânea não pode subsistir apenas calcada no aparelhamento tecnológico das escolas, que ainda reproduzem conhecimentos descontextualizados e acríticos para suprir os interesses dos grupos dominantes.

89

Faltam aos professores educadores formação continuada em serviço e uma rede de colaboração entre as instituições do sistema educacional, sobretudo para instaurar processos de refundação, principalmente de ordem conceitual e epistemológica. Essas indispensáveis formações, quando realizadas, seguem sendo feitas apenas nos quesitos dos equipamentos, dos métodos e fundamentados no jargão da eficácia/eficiência e fazem parte dos direcionados projetos gestados nos gabinetes do poder, que, geralmente, são resultados das negociações prévias de destinação de recursos públicos sendo os beneficiários aqueles que ajudam a manter o ciclo vicioso. Raramente se aprofundam os aspectos humanos e as implicações, tanto no plano individual quanto social, do (não) uso da tecnologia, da escolha dos conhecimentos a serem ensinados/aprendidos e da abordagem teórico-metodológica a ser adotada – por questões óbvias e fartamente analisadas ao longo desse trabalho. Ademais, as questões afetas a CTS e, por extensão, a nova equação civilizatória ainda se encontram à margem dos/nos herméticos currículos a favor do lucro e da eficiência traduzida pelo pueril sentimento de se tornar campeão na vida.

Manter o status comportado de uma educação apassivada sempre foi mais prudente, quando não se sabe o que fazer, por que e para que fazê-lo. Mudar atitudes dá muito trabalho. Assim, segue-se a lógica da reprodução dos ditames metricamente elaborados para perpetuação do progresso e da ordem social já estabelecida desde

os primórdios da instituição da propriedade privada e da acumulação de riquezas. Tal rompimento poderá alterar demasiadamente o equilíbrio “natural” das coisas. A base política da educação nacional (e por que não mundial?) jaz adormecida e refém de um sonho utópico de globalização, que mais parece uma aceitação sem vistoria da lógica do capital sem pátria. Treinar para prosseguir. Prosseguir o quê? Para quê? Para quem? Sem pensarmos sobre as variáveis que abastecerão a nova equação civilizatória, nós nos comportaremos como uma engrenagem que mantém a educação de acordo com o poder hegemônico e com as mentes já corrompidas, gerando em passos cada vez menores e numa velocidade descomunal as desigualdades sociais entre povos e nações. Qual será o resultado? Infelizmente, minhas reflexões apontam para um colapso, em nível local e mundial de proporções jamais imagináveis, capaz de extinguir os seres vivos do Planeta Terra.

Diante do exposto, finalizo afirmando que as questões administrativas e econômicas não são apenas o grande problema de gerir uma nação. Podem ser consequências. O entrave fundamental reside na visão do Estado-nação de cuidar do presente e futuro, portanto, de um projeto de formação humana. Porque sedimentado por uma educação crítica, emancipatória e generosa, em que a saúde e a segurança sejam bens inalienáveis, esse Estado haverá de inaugurar uma conjuntura de bem-viver, zelando pela geração de hoje e de amanhã.

Dito de outra maneira: as novas variáveis contemporâneas, que nos acantonam como humanos perante o desenvolvimento tecnológico, serão supridas por uma educação que nomeei metaforicamente, neste ensaio, de “desobediente”. Isso é fundamental e é a gênese para uma refundação dos modos de relação, produção e distribuição de bens entre os homens, as mulheres e as crianças.

Referências bibliográficas

FREIRE, P. (2001): *Educação como prática da liberdade*, São Paulo, Paz e Terra.

FREIRE, P. (2004): *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

FREIRE, P. (2000): *Pedagogia da esperança: um reencontro com a pedagogia do oprimido*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

FREIRE, P. (1982): *Pedagogia do oprimido*, Rio de Janeiro, Paz e Terra.

FREIRE, P. e ILLICH, I. (1975): *Dialogo: análisis crítico de la “desescolarización” y “concientización” en la coyuntura actual del sistema educativo*, Buenos Aires, Ediciones Busqueda.

GUILLEBAUD, J. C. (2003): *A reinvenção do mundo, um adeus ao século XX*, Rio de Janeiro, Bertrand Brasil.

POSTMAN, N. (1994): *Tecnopólio, a rendição da cultura à tecnologia*, São Paulo, Nobel.

POSTMAN, N. e WEINGARTNER, C. (1971): *Contestação: nova fórmula de ensino*, Rio de Janeiro, Expressão e Cultura.

SNOW, C. P. (1995): *As duas culturas e uma segunda leitura*, São Paulo: EdUSP.